



DEPARTAMENTO
DE FILOSOFIA

PAPEL DA FILOSOFIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: FILOSOFIA X TECNOLOGIA.

Nayala Maia*

Resumo:

A tecnologia, fruto da Razão Instrumental, é hoje um grande desafio para o homem, pois, embora para muitos seja o ápice da Razão Humana, representa, ao contrário, sua robotização e desumanização, negando o homem como pessoa, impedindo o surgimento de sua singularidade, esvaziando-o de si mesmo ao controlar e “ditar” as regras econômicas, políticas e sociais.

Para superar esse desafio, o homem deverá resgatar a Razão Indagadora, surgida desde Sócrates, que o fará questionar esta situação, possibilitando a instauração de uma vida ou organização social e econômica harmoniosa e justa que o torne senhor de si mesmo, na medida em que manterá o controle desta técnica em benefício de toda a humanidade.

Direcionando-a para o Bem Comum, o homem deixará de ser dominado por ela, e reassumirá sua capacidade de agir sem recorrer a um instrumento externo - a tecnologia - e viverá a partir do Poder de sua Razão Comunicativa ou Argumentativa.

* *Mestra em História do Brasil. Professora Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco.*

Palavras-chave: Razão Indagadora, Tecnologia, Razão Instrumental, Razão Comunicativa, Habermas.

Abstract

Technology, a consequence of Instrumental Reason, is a great challenge today for man because, although many regard it as the apex of Human Reason, it represents, on the contrary, man's robotization and dehumanization, by denying man as a human being, by hindering the flowering of his singularity, by voiding it from himself when he controls and “dictates” economic, political and social rules.

To overcome this challenge, man must retrieve that Questioning Reason, present since the Age of Socrates, that will make him question this situation, and so permit the implementation of a harmonious and fair, social and economic life or organization that makes him his own master to the extent that he will maintain control of this technique for the benefit of all humankind.

If directed to the Common Good, man will not be dominated by technology and will again take control of his capacity to act without having to resort to an external instrument – technology – and will live according to the Power of his Argumentative and Communicative Reason.

Key words: Questioning Reason, Technology, Communicative Reason, Habermas

A tecnologia hoje, considerada por muitos o ápice da Razão Humana e a prova de sua evolução, é vista pela Filosofia Contemporânea, principalmente por Habermas, ao contrário, como um grande desafio que o homem terá de enfrentar e superar, para poder reencontrar-se consigo mesmo.

O grande desafio, segundo a Filosofia Contemporânea, que o homem terá de enfrentar é a necessidade de criação de uma nova consciência devido à transformação, pela civilização tecnológica, da Consciência Moderna, do Sujeito ou do Indivíduo como transformador e explicador deste mundo, explicitado pelo surgimento da Ciência Moderna em uma Razão Calculadora ou Instrumental.

A característica principal dessa civilização téc-



nico-científica, ou Razão Calculadora, é a economia de mercado, a criação de blocos econômicos e políticos, o agir operacional do próprio sistema capitalista, que nega o homem como pessoa, a massificação e padronização das culturas e dos indivíduos que se transformaram em homens coletivos, e a rapidez das inovações tecnológicas que desenraíza e torna o homem um estranho em seu próprio mundo.

O trabalho, que, sob o ponto de vista de Karl Marx, deveria ser fonte de prazer e realização pessoal, é transformado por essa civilização técnico-científica em um agir mecânico e alienado, que despersonaliza o indivíduo e impede o surgimento de sua singularidade, ao forçá-lo a produzir coisas que serão apropriadas por outras pessoas, levando ao esvaziamento de si mesmo.

Como o homem poderia superar esse grande desafio e criar uma nova consciência?

A Filosofia, por intermédio de vários filósofos contemporâneos, de um modo ou outro, tem uma resposta e é muito simples: o resgate de Sócrates, Platão e Aristóteles, não no sentido de suas respectivas filosofias, mas no sentido da postura instauradora da própria filosofia, ou seja, a volta da Razão Interrogativa e Indagadora do mundo, do Espanto e da Admiração, sem a qual o homem se torna um mero animal entre os outros que habitam o planeta. O que caracteriza o homem, segundo Aristóteles, é o uso da Razão, da busca do conhecimento e explicação do mundo, não com o objetivo de transformá-lo para sua sobrevivência, ou seja, da técnica, do fazer prático deixado aos escravos e trabalhadores, mas no sentido da busca da Virtude ou do viver de acordo com a Razão, visando à criação de uma sociedade com leis e governos melhores para o homem.

É essa Razão Indagadora em busca de uma vida social e econômica harmoniosa e justa que o homem contemporâneo deverá resgatar, para superar esse grande desafio. Para entendermos bem essa questão, é importante observarmos como a Razão Moderna transformou-se em Razão Calculadora ou Instrumental.

A transformação da Razão Moderna em Razão Calculadora ou Instrumental tem início com a Revolução Industrial no século XVII e com o surgimento do capitalismo e se processa através de várias conseqüências negativas, como resultado da atuação dessa Razão Moderna. Essa Razão se caracteriza pelo surgimento do indivíduo que se libertou do conhecimento Teológico como fonte explicativa do mundo e passa a explicar este mundo através dele próprio, ou seja, através da Razão.

A Razão Moderna explicativa e dominadora do mundo foi importante, à medida que a ciência e a técnica delas surgidas trouxeram uma melhor qualidade de vida para as pessoas, como a criação de sistemas de comunicação, facilitando o intercâmbio entre povos e nações, a cura de várias doenças pela medicina - antes incontroláveis - e, no aspecto sociopolítico, o acesso a uma melhor qualidade de vida para milhares de pessoas, através do processo de democratização das sociedades, com o fim do Absolutismo.

No entanto, esse grande salto da humanidade em direção ao controle e domínio do planeta para sua melhor sobrevivência ultrapassou o próprio homem e se transformou em uma arma contra ele. A grande primeira conseqüência negativa dessa Razão Moderna se refere aos sistemas socioeconômicos das sociedades contemporâneas. A poluição de rios, lagos e mares prejudicando milhares de pessoas; o desmatamento desenfreado desequilibrando o ecossistema da Terra; a atividade econômica centrada na obtenção de lucros cada vez maiores negando o homem como pessoa; e a queda da qualidade de vida por causa do uso indevido de substâncias como agro-tóxicos na agricultura e conservantes na indústria alimentícia constituem o resultado dessa Razão Moderna que surgiu como promessa de felicidade para todos. No aspecto sociopolítico, o resultado negativo aparece na crise de valores morais das sociedades, na ausência de uma ética nas atividades política e econômica, no surgimento de governos autoritários e antidemocráticos, na desestabilização de culturas, antes coesas e conscientes de seus próprios valores, e no surgimento da burocracia, que, segundo

Habermas, penetrou no sistema da vida do homem, na sua parte mais íntima, na sua vida privada, transformando-o em máquina eficiente e competente apenas para produzir coisas.

Nesse sentido, o homem perdeu o significado da vida, o que levou ao surgimento de várias seitas religiosas e modismos, como astrologia e esoterismo de um modo geral, que prometem a felicidade para todas as pessoas, absolutamente perdidas em um mundo que não possui um referencial de valores morais e espirituais profundos que dêem sentido às suas vidas.

No entanto, é no aspecto estritamente filosófico que se observa o resultado mais drástico dessa transformação da Razão dominante e explicativa do mundo, em Razão Calculadora ou Instrumental.

Qual o seu sentido ?

O sentido dessa transformação reside em uma mudança radical do homem bastante assustadora: de criador o homem passou a ser criatura de sua criação, destruindo por completo aquela consciência de poder e domínio sobre o mundo, tão bem representada por Galileu Galilei. A Razão Calculadora se volta contra ele próprio, como se obtivesse vida própria, e se torna em força viva, autônoma e independente, que o domina e controla, constituindo-se a tecnologia a sua expressão máxima.

O homem tornou-se refém da técnica e, ao mesmo tempo, produto dela. E, mais assustador, dominado pela sua própria criação, o homem perdeu o sentido de si mesmo uma vez que não tem a concepção de si próprio. O que é o homem? A técnica é quem define. Essa técnica o leva para um caminho que ele não controla e que não sabe em que vai resultar. Um caminho que serve apenas para a Razão Produtiva ou o Poder Econômico, que se deslocou do próprio homem e se transformou em uma entidade abstrata, metafísica e independente, que comanda e dita as regras sociais, econômicas e políticas, destruindo o homem como pessoa, transformando-o em uma mera peça de um grande sistema mecânico eficiente e racional, cujo primado é a rapidez e a produtividade que

erradicam do mundo o sentimento, uma das maiores expressões de humanidade, como também a amizade no sentido Aristotélico, ou seja, a base do tecido social.

Segundo Habermas, essa racionalização da sociedade tem início a partir do momento em que o progresso técnico e científico ou o agir racional-com-respeito-a-fins deixou de ser legitimado pelas tradições culturais e passou a autolegitimar, instituindo-se como um projeto unificador de mundo, como uma ideologia. Dessa forma, a ciência e a técnica passaram inicialmente a dominar e, posteriormente, a destruir essa tradição cultural fundamentada na interação humana ou o mundo da vida, que dá respostas aos problemas centrais da humanidade como justiça e liberdade, violência e opressão, felicidade e satisfação, miséria e morte etc.

Assim, as interpretações cosmológicas do mundo e a interação humana no enfrentamento de problemas centrais para a humanidade perdem sentido devido à predominância desta nova racionalidade-com-respeito-a-fins e deixam de existir a partir de um agir racional, que dá respostas científicas aos temas e aos problemas humanos e, o que é pior, esse agir elimina da consciência pública as próprias relações fatuais de violência, de injustiça e de miséria. O homem passa a encarar e a resolver os seus problemas morais, sociais, econômicos, culturais e políticos de forma análoga ao saber científico ou ao agir instrumental estratégico.

Para enfrentar e superar esse grande desafio, o homem terá que resgatar Sócrates, Platão e Aristóteles, redimensionando ontologicamente o mundo em que vive e fundando a vida em valores mais profundos, como, por exemplo, a criação de um agir ético na ciência, principalmente em áreas que manipulam a vida, tais como a biogenética e a bioengenharia, na atividade sociopolítica e econômica, como também a criação de valores que levem ao surgimento de uma consciência universal de pertença à Raça Humana que propicie a destruição dos preconceitos raciais e conflitos étnicos entre povos hoje existentes, com o fim de preservar os direitos mais elementares do ho-



mem, como educação, saúde e habitação, direitos esses que são o fundamento da sociedade, pois só assim milhares de seres humanos no planeta viverão de forma digna. Para que isso ocorra, é necessário que o homem se liberte através do esforço da reflexão, do domínio da tecnologia como algo inquestionável, necessário e absoluto. Essa tecnologia, é verdade, tem possibilidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas, contudo, por constituir-se em uma produção cara do sistema capitalista, não é democratizada, uma vez que não está ao alcance da maioria da população do planeta.

O problema, como já podemos observar, não é a tecnologia em si, que, no que diz respeito à vida socioeconômica do homem, se democratizada, traria benefícios a milhares de pessoas. A questão é a necessidade de se questionar os efeitos e a utilidade da tecnologia para o desenvolvimento do homem como pessoa, e não como um ser econômico. Deve-se perder a postura natural e ingênua diante do mundo e questionar essa tecnologia para se poder redimensionar a sua importância e significado através de perguntas simples, tais como: Para quê? Por que essa tecnologia, no verdadeiro sentido grego, ou seja, qual o seu significado para o homem como ser moral, social, político, econômico, indivíduo, sujeito, cidadão e pessoa?

De maneira mais específica, poderíamos fazer tais perguntas a resultados mais concretos da tecnologia, como, por exemplo, o computador, através de indagações, como: serve o mesmo para desenvolver a capacidade de amar as pessoas? Serve essa máquina de instrumento, para levar o exercício da tolerância entre as pessoas, povos ou nações? Ou ainda: serve o computador para desenvolver a capacidade de analisar o mundo de forma crítica, levando as pessoas à constatação de que quantidade de informação, por exemplo, não significa necessariamente um desenvolvimento cultural profundo, mas apenas o acúmulo de informações desarticuladas entre si, que não propicia uma visão total e coerente do mundo?

A questão, na verdade, é simples: se se perder ou se anular a postura ingênua diante do mun-

do, que se caracteriza pela visão imobilista, fatalista e determinista, estaremos exercitando a nossa humanidade, ou seja, usando a Razão com o objetivo de encontrarmos a nós mesmos, como seres humanos que somos, constituídos de uma dimensão material e espiritual, pois, como matéria, precisamos viver dignamente e, como seres morais e espirituais, temos a capacidade de amar e de nos indignar contra tudo que nos traga malefícios, como a violência, a fome e todo tipo de injustiça.

O computador ou a Ciência da Informática é o instrumento por excelência de realização da Razão Calculadora, e o melhor exemplo que explicita o significado desta é a rapidez, a eficiência, a produtividade e a praticidade nas soluções dos problemas da atividade econômica cuja essência se resume na expressão do senso comum: "Tempo é dinheiro!" É essa essência que fundamenta o agir, tanto pessoal como profissional dos indivíduos, numa clara demonstração daquilo que Habermas, como já nos referimos, denunciou da invasão da racionalidade instrumental no sistema de vida do homem.

Sentado diante de um computador, esse homem, sem perceber, esvazia-se de si mesmo, ao direcionar seu pensamento e talento para a operação, no sentido de decifração de uma máquina que o desafia e, de certo, o domina, e que, muitas vezes, o intriga com impasses e problemas que não têm soluções imediatas, levando-o a se envolver com a máquina como se ela fosse uma pessoa.

Nesse sentido, é importante nos lembrarmos do velho Marx, que continua tão vivo quanto vivia no século XIX, pois todo esse processo nada mais significa que aquela inversão que esse filósofo, brilhantemente, denunciou da reificação do mundo, em que pessoas se transformam em coisas e coisas se transformam em pessoas.

A máquina tira o homem do convívio mais profundo com as pessoas a sua volta, estimula a vontade do consumo através do sistema de compras informatizado, cujo benefício explicitado pela praticidade da não presença do comprador no ato da compra reforça o caráter de indutor ao consumo. Além disso, prejudica também o

crescimento emocional das crianças, ao prendê-las, horas a fio, em jogos, cujo fundamento é a ideologia dominante do herói que vence o bandido, estimulando o desenvolvimento da atitude competitiva, de busca ao sucesso e da vitória, à mesma proporção que vai empobrecendo emocional e moralmente.

Uma boa imagem através da qual podemos representar todo esse processo é a atividade pedagógica. A criança vê o pai, a mãe e, principalmente, o professor como o espelho do mundo através do qual ela se orienta e assimila valores que nortearão a sua vida. Assim, também, o homem vê a máquina como o espelho do mundo, como seu conteúdo por excelência, e se mira nela adotando o seu fundamento, que é a eficiência, agilidade, produtividade e praticidade em sua vida profissional e, mais grave, em sua própria vida pessoal, transformando o relacionamento interpessoal em um jogo de interesses, principalmente, econômicos, para lembrar mais uma vez Habermas.

A máquina transformou-se no centro do mundo e o homem um mero coadjuvante.

Nações e governantes consideram que, através do controle da tecnologia avançada, o poder lhes está garantido diante de outros povos e nações que não a possuem. Isso nada mais significa que a renúncia completa do homem a si mesmo e a constatação de que está quase irremediavelmente dominado por esse espelho do mundo, sem o qual a sua existência não tem mais sentido. Um exemplo dessa total rendição do homem diante da máquina encontra-se nas resoluções dos conflitos entre as nações.

Aquelas nações que possuem uma tecnologia, principalmente, bélica, avançada vencem aquelas nações que não a possuem, ou seja, no lugar da palavra, da inteligência e da capacidade de argumentação, para usar uma expressão de Habermas, encontra-se a máquina como solução para todos os problemas do homem, econômicos, políticos ou sociais.

Agravando ainda todo esse processo de coisificação do homem, existe a questão da velocidade, que caracteriza a vida atual em todos

os sentidos. Ela destruiu a noção do tempo no sentido grego do ócio, vê o tempo no sentido parmenediano, para o pensar e o refletir sobre o mundo em que se vive.

Poderemos representar essa situação, usando a seguinte imagem: existe sempre uma estação de bonde que leva o homem para algum lugar. Esse lugar é o sucesso, a riqueza, o poder, valores caros à sociedade contemporânea. Se ele não se apressar para pegar esse bonde, perde o passaporte para a felicidade. Nesse aspecto, o homem terá que perguntar: o que queremos? O que de fato trará nossa felicidade?

Antes, porém, o homem terá que encontrar a própria concepção de felicidade, tarefa hoje bastante difícil, uma vez que o conceito de felicidade cristalizado de forma onipresente na sociedade contemporânea é a supervalorização dos bens materiais. Por isso, necessita-se de um árduo esforço de reflexão para libertar o homem das amarras que ele criou para si próprio.

Sob o ponto de vista do indivíduo, pode-se dizer que a felicidade cabe a cada um encontrar. No entanto, essa liberdade de escolha é mera ilusão, pois todos nós estamos inseridos em um sistema social com valores preestabelecidos, naturalmente assimilados através do processo de socialização. Entre eles, encontra-se o primado dos bens materiais como fonte de felicidade.

Essa armadilha, na qual o homem caiu, tem origem no próprio processo de criação da tecnologia. O homem a desenvolve, não para atender às suas necessidades naturais ou básicas (que, na verdade, ele nem sabe quais são, porque o processo de desenvolvimento da Razão Instrumental o impede de perceber as suas reais necessidades), mas no sentido “tecnologia pela tecnologia”.

A sociedade civil não pede as inovações tecnológicas, uma vez que é a própria ciência em seu processo crescente de “desenvolvimento” que gera a busca desenfreada de novas técnicas. Na área de entretenimento, por exemplo, apesar de os jogos de “vídeo-game” desenvolverem nas crianças a capacidade de tomar rápidas decisões, eles as preparam para o agir operacional, ou seja, as crianças desen-



volvem mais talentos para o agir operacional, e não para compreender o mundo em que vivem.

Se a tecnologia fosse usada em relação à cura e à prevenção de doenças, desde que não deixasse seqüelas, seria um grande passo para a sua “humanização”, ou seja, em si, a tecnologia é boa, quando não estiver voltada para fins bélicos e puramente econômicos.

Se a Razão Indagadora do homem prevalecer, essa tecnologia, ou a capacidade de criação do homem, poderia direcionar-se para o seu bem-estar geral, atendendo às suas necessidades naturais de saúde plena, proteção contra as intempéries da natureza, através de uma habitação que atenda a essa necessidade, e alimentos produzidos sem produtos que prejudiquem a sua saúde.

O poder econômico, determinando os acontecimentos sociais e políticos, tem como suporte a tecnologia. Nesse sentido, se buscássemos um mundo melhor, se a Razão Indagadora prevalecesse, poderíamos, por exemplo, ter aparelhos de comunicação, como TV, que transmitissem cultura de forma estruturada e planejada, através de uma visão de totalidade do mundo. Em um mundo onde não houvesse o predomínio da Razão Instrumental, a TV transmitiria uma educação holística, que transmitiria ao educando-telespectador uma visão coerente e global do mundo em que vivemos, levando-o a aprender, assim, que todos os problemas do homem estão interligados em uma cadeia de ação e reação, como, por exemplo, a fome das populações de países africanos tem origem no sistema financeiro internacional baseado no Primeiro Mundo, que explora essas Nações por meio de empréstimos que se tornam dívidas impossíveis de serem pagas, com o objetivo de continuarem reproduzindo as suas próprias riquezas.

Sob o aspecto da aliança do Poder Político com a tecnologia, um fato demonstra, de forma bastante clara, essa aliança. Em entrevista ao repórter Roberto D’Ávila, no mês de maio deste ano, o ex-primeiro ministro de Israel, Shimon Peres, afirmou, categoricamente, que o poder que o seu país tinha sobre os inimigos repousava, principalmente (no sentido de causa determinante), em

seu poder militar, composto de armas tecnologicamente sofisticadas. Segundo ele mesmo, sem o aparato militar, seria muito mais difícil Israel manter a sua posição naquela região e continuar dominando árabes e palestinos.

Hoje, pensadores como Fritjof Capra, com o qual concordamos plenamente, estão convencidos de que, se o homem não desenvolver uma outra visão de mundo, ou seja, holística, a espécie humana está fadada a realizar a sua própria destruição, e isso em um curto espaço de tempo. O desenvolvimento econômico com o suporte do desenvolvimento da tecnologia está destruindo o planeta, o seu equilíbrio natural ou ecossistema, pois tal desenvolvimento visa a lucros, sem refletir nos danos, a maioria irreversíveis, que essa procura desenfreada pela riqueza causa ao planeta. Mas, é estritamente sob o ponto de vista filosófico que a tecnologia ou, em outras palavras, a máquina se torna um instrumento que destrói o homem, tirando a sua humanidade.

Descartes foi um filósofo que pensou o homem como uma máquina composta de muitas peças. Essa concepção cartesiana do homem induziu o próprio homem a construir máquinas mais perfeitas, sempre semelhantes ao seu corpo, o que levaria à Revolução Industrial, que substituiu o corpo humano pela própria máquina tanto na atividade econômica quanto na administração da vida.

O grande malefício, porém, surge no momento em que essa máquina impõe o modo próprio de comportar-se do homem. Ao lidarmos com ela, aprendemos também a ser ela. Sem nos apercebermos, assimilamos seu “modo de ser”, ou seja, seus impulsos, suas acelerações, suas velocidades, ou seja, junto a ela, aprendemos o seu “comportamento”.

Marx tem uma frase bastante interessante que explicita todo esse processo. Segundo ele, “É próprio da produção industrial ... o fato de que não é o trabalhador que utiliza as condições de trabalho mas as condições de trabalho que utilizam o homem trabalhador: mas somente com a maquinaria tal invenção adquire realidade técnica palpável”. (IN BUZZI, Arcângelo. *Filosofia*

para *Principiantes*. Pg. 104).

Para finalizar, o que nos resta é reafirmar que o desafio que o homem terá que enfrentar é extremamente grande e inadiável, mas ele tem capacidade para fazê-lo, pois só o fato de existir lhe dá dimensão ontológica, mas que precisa ser redefinida e reorientada sob valores verdadeiramente humanos.

Podemos terminar esta nossa reflexão, lembrando o lema da filósofa húngara Agnes Heller: o homem deve exercitar ao máximo a sua capacidade de pensar, para descobrir a origem do seu pensar, a origem do seu agir e a origem do seu sentir, pois só assim ele será verdadeiramente humano.

REFERÊNCIAS

HABERMAS, J. **Técnica e Ciência enquanto Ideologia**; São Paulo : Victor Civita, 1983, p. 313-343.

HELLER, Agnes, **A Filosofia Radical**, São Paulo : Brasiliense, 1983, p.190.

_____. **Para Mudar a Vida**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 204.

Endereço da Autora:
Rua dos Médicis, nº 30, aptº. 402, Boa Vista,
Recife-PE, CEP 50070-290.
Tel.: (081) 222-1270

